

Um menino chamado

Capitão

aprender brincando
4
COLEÇÃO



Mário Souto Maior

Um menino chamado

Capitão



Mário Souto Maior

Copyright © 2000 Mário Souto Maior
Av. Getúlio Vargas, 963
53030-010 Olinda, Pernambuco, Brasil

MsM Web Site
<http://www.soutomaior.eti.br/mario>
mario@soutomaior.eti.br

Todos os direitos reservados são protegidos pela Lei nº 9.610, de 12.02.1998
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, do autor

Capa e Projeto Gráfico
Jan Souto Maior
jan@soutomaior.eti.br

Ilustrações
Marcel Gleidson de Melo
marcel@soutomaior.eti.br

Printed in Brasil
Impresso no Brasil

FOI FEITO O DEPÓSITO LEGAL

Venda Proibida

Edição de 15.000 exemplares
destinada exclusivamente à distribuição gratuita
aos estudantes através da Fundação Gilberto Freyre
e da BCP Telecomunicações

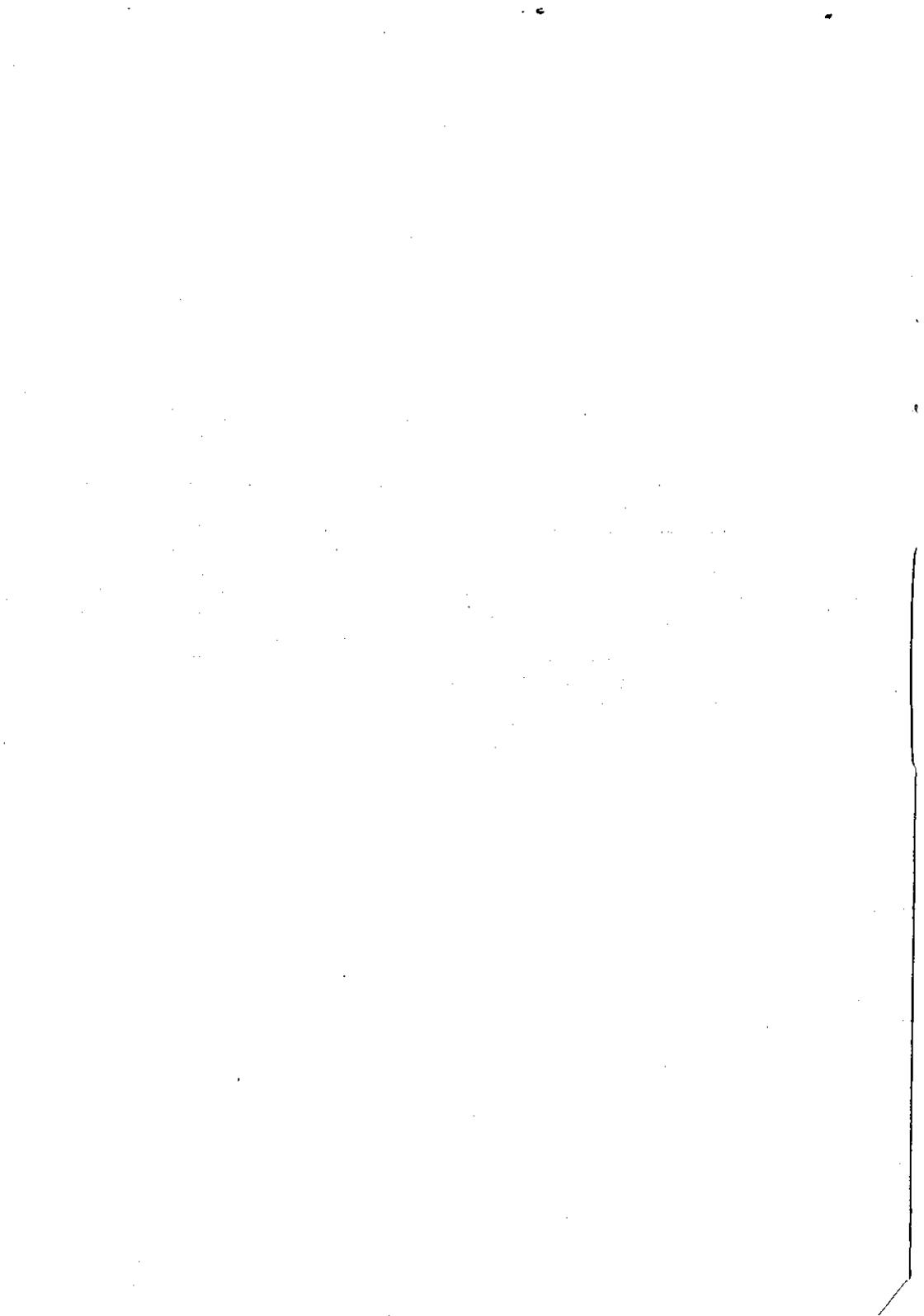
SOUTO MAIOR, Mário. *Um menino chamado Capiba*. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Edições, 2000. 20p.

1 – CAPIBA. 1849-1910 I. Título

CDU 92 (CAPIBA)

Um menino chamado

Capitão



Os netos queriam que eu contasse mais uma história logo depois do almoço.

- Conta, vô! A gente aprende muita coisa dos grandes homens, ouvindo suas histórias – falou Érica.

Então eu me lembrei que não era muito bom contar histórias durante o dia. O povo diz que nasce um *rabo* na pessoa que conta história durante o dia. Imaginem eu, já avô, com um rabo feito gato ou feito cachorro... Expliquei prá eles que, depois do jantar, contaria uma história de outro grande homem. E eles foram brincar no terraço, no quintal.

Depois do jantar reuni os netos no terraço e fui logo perguntando:

- Quem é que gosta de música?

E todos fizeram um barulho enorme para

dizer que sim, que gostavam de música.

- E quem é que já ouviu falar de Lourenço da Fonseca Barbosa, um compositor, autor de muitos frevos, valsas e maracatus que o povo canta?

Todos ficaram calados porque nenhum deles sabia quem tinha sido Lourenço da Fonseca Barbosa...

- Mas, Lourenço da Fonseca Barbosa – este era o seu verdadeiro nome – também era conhecido como Capiba

Carolina, Érica, Marcelo e Bruno, que são os netos mais *velhos*, gritaram logo:

- Ah!, vô! Capiba a gente conhece. Ele fez muitas músicas de carnaval, não foi, vô? – perguntou Carolina.

- Foi, Carolina. Além das músicas de carnaval, Capiba também fez muitas valsas, maracatus e peças de harmonia.

E Marcelo, que é o mais calado de todos, perguntou:

- E o que quer dizer a palavra Capiba, vô?

- Bom. A palavra capiba, no Ceará, é nome que o povo dá aos jumentos. O jumento é um animal muito bonzinho. Foi num jumento que Nossa Senhora, com o Menino Jesus nos braços,



acompanhada por São José, fugiu para o Egito, para salvar a criancinha dos soldados do Imperador Herodes que soube que Jesus havia nascido e por isso mandou matar todos os meninos nascidos nos últimos dias.

- Nossa! – exclamou Lucas. Que homem mau!

- É, Lucas, matar criancinhas é um crime muito grande. Mas, voltando a falar do jumento, é preciso que vocês saibam que, apesar de ser um animal muito bonzinho, ele tem um defeito: quando ele emperra, empaca, não obedece a ninguém, e só faz o que ele quer. O avô de Lourenço da Fonseca Barbosa era um homem inteligente, mas quando queria uma coisa, essa coisa tinha que ser feita de qualquer maneira. Quando ele emperrava, ninguém o fazia mudar de opinião. Daí o apelido de Capiba, apelido como ficaram conhecidos todos os seus filhos e netos, os *capibas*. Mas, vamos continuar a história de um menino chamado Capiba.

Parei um instante para tomar um suco que vovó Carmen me trouxe e continuei:

- Filho de Severino Atanázio de Souza Barbosa e de dona Maria Digna da Fonseca

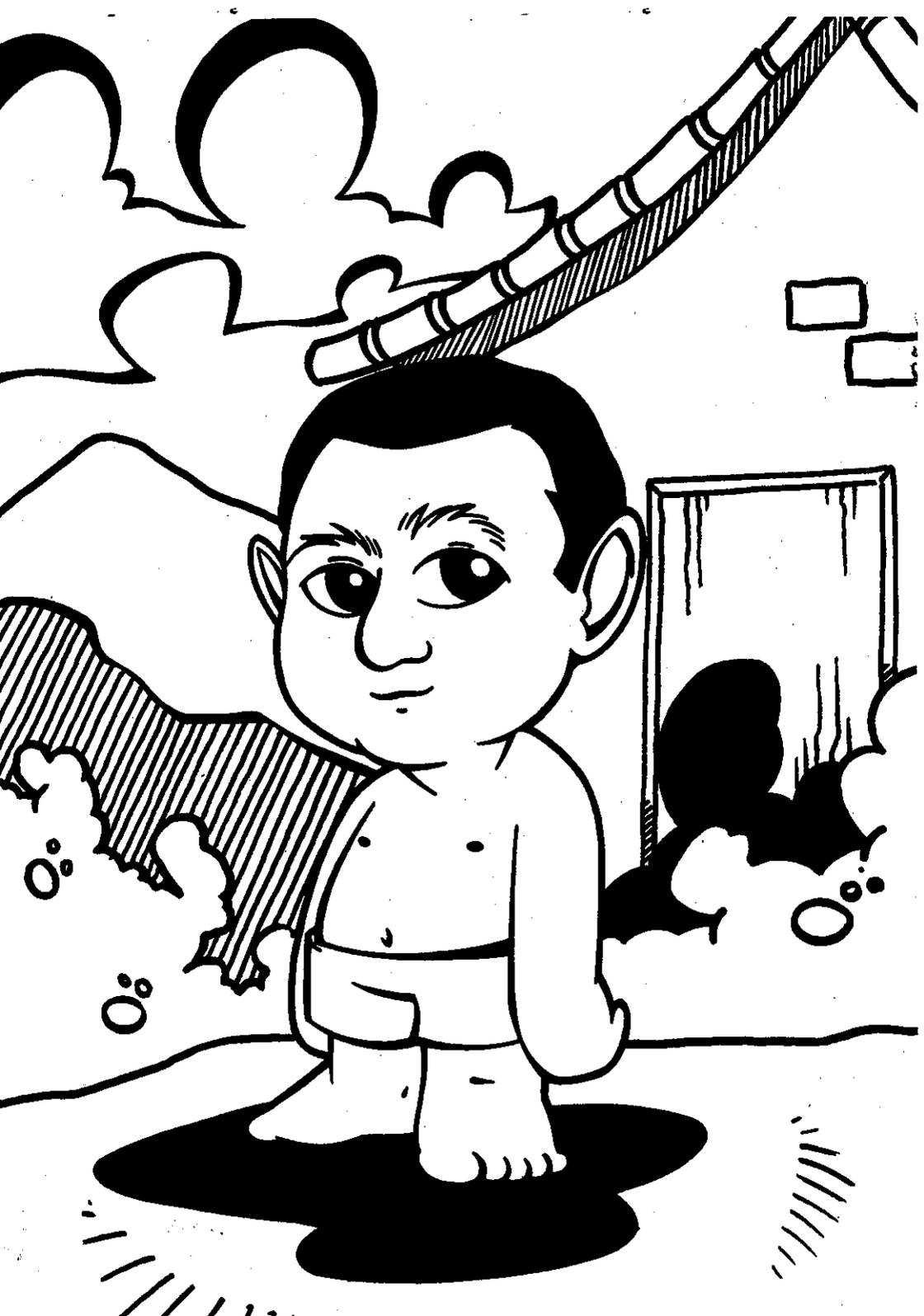
Barbosa, Capiba nasceu no dia 28 de outubro de 1904, na vila de Surubim, Município de Bom Jardim, no agreste pernambucano.

- E o que é agreste, vô? – indagou Bruno.

- Agreste é a região que, em Pernambuco, fica entre o sertão e a zona da mata, na qual as chuvas começam a ficar escassas. E Lourenço da Fonseca Barbosa foi o nono filho e depois dele nasceram mais quatro, somando treze irmãos. O velho Severino tinha que trabalhar muito para manter a família, no que era ajudado pelos filhos mais velhos. Uma coisa interessante: tanto o velho Severino como seus treze filhos, menos os que morreram bem pequenininhos, todos eram músicos. O velho Severino era mestre da banda-de-música e tocava todos os instrumentos.

Capiba foi batizado no dia 11 de dezembro de 1904, na Igreja da Vila de Surubim e foram seus padrinhos Manuel Souto Maior e Maria Amélia Souto Maior.

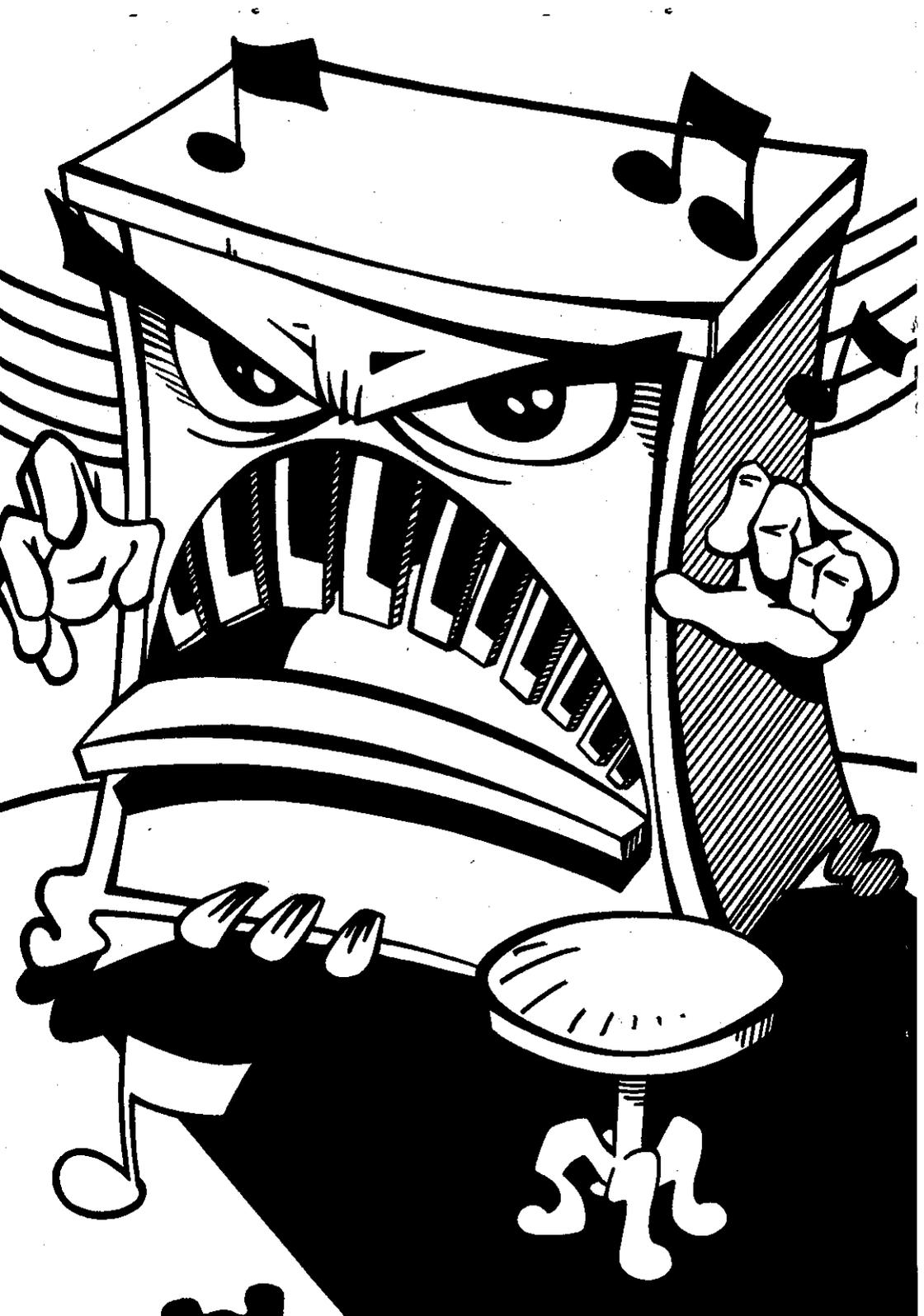
Com tantos irmãos pequenos, Capiba foi criado empinando papagaio, caçando lagartixas e rolinhas, brincando de *dono-da-calçada*, de *bolinhas-de-gude*, assando castanhas de caju, *pintando o sete*.



Com uma família tão grande, o pai de Capiba, para sustentar a família, trabalhou em Bezerros, Recife, Carpina, Gravatá, Nazaré da Mata, Queimadas (hoje Orobó), João Alfredo, onde sempre era o *mestre* das bandas-de-música, nas quais os irmãos mais velhos já tocavam também. Foi chamado para trabalhar em Taperoá e em Campina Grande, na Paraíba.

Nessa época, Capiba só se interessava por duas coisas: a música (já tocava trompa, com dez anos de idade, na Banda Lira da Borborema) e o futebol, chegando, aos dezesseis anos, a jogar no América Futebol Clube da capital paraibana, *time* em que seu irmão Severino Capiba era o *goleiro*.

Quando o pai de Capiba morava em Campina Grande comprou um piano e apareceram muitos alunos que queriam aprender a tocar. Capiba não simpatizava muito com o piano, um instrumento preto, grande, cujo teclado parecia uma dentadura enorme. Foi quando sua irmã Josefa casou e teve que deixar de tocar piano no Cinema Fox, de Campina Grande, onde a família morava e todos trabalhavam. Naquele tempo o cinema era mudo ...



- Cinema mudo, vô? – perguntou Bruno.

- Sim, Bruno. É que o cinema, logo que apareceu, não tinha som, isto é, não tinha música e nem as pessoas falavam. Quando as pessoas diziam alguma coisa, abriam a boca, como se estivessem falando e o que elas queriam dizer aparecia escrito na tela, como nas revistas de quadrinhos de hoje. E, para quebrar o silêncio, uma pessoa tocava piano. Com o casamento da irmã Josefa, o pai de Capiba resolveu que ele fosse substituir a irmã, tocando piano no Cinema Fox. O pobre Capiba chega tomou um susto. Mas, ordem era ordem. E, para obedecer ao pai, Capiba teve poucos dias para aprender a tocar piano e, com dezesseis anos, já era o pianista do cinema Fox, muito embora preferisse jogar futebol como centroavante do Campinense Clube.

- E ele se saiu bem, vô? - quis saber Érica.

- Saiu-se muito bem, Érica. Passou quase um mês estudando com o pai e num instante aprendeu a tocar aquele instrumento preto, grande, cujo teclado parecia mais uma dentadura. Foi assim que Capiba começou a tocar piano nas festas, nas orquestras.

Em 1924 foi morar em João Pessoa, na

Paraíba, onde estudou no Liceu Paraibano, jogou futebol e tocou. Quando sua mãe morreu, Capiba e seu irmão Antônio fizeram uma valsa chamada *Lágrima de Mãe*, que foi sua primeira composição musical. Desde então Capiba nunca mais parou de fazer música que o povo cantava e gostava muito.

Em 1930 Capiba mudou-se para o Recife, onde fez concurso e começou a trabalhar no Banco do Brasil. Casou no dia 24 de novembro de 1960, com Maria José da Silva – sua Zezita, que foi o grande amor de sua vida. Foi um dos fundadores da *Jazz Band Acadêmica* que animava as festas nos clubes do Recife.

E compôs muitas valsas, muitas músicas de carnaval e foi muito querido pelo povo que gostava de cantar *Tenho uma coisa para lhe dizer, É de amargar, Manda embora essa tristeza, Quem vai prô farol é o bonde de Olinda, Gosto de te ver cantando, Maria Betânia, Linda Flor da Madrugada, Quero essa, Recife – cidade lendária, Olinda – cidade eterna, Vamos pra casa de Noca* e muitas outras músicas. E, entre uma música e outra, Capiba também gostava de pintar.

Assim viveu Capiba. Trabalhando no Banco



do Brasil, tocando seu piano, compondo suas músicas, pintando seus quadros, até o dia 31 de dezembro de 1998, quando faleceu.

Capiba foi um grande brasileiro, um pernambucano ilustre, que fez o povo ficar mais alegre cantando suas músicas.

- Lá, lá, lá, lá! - cantarolou Eduardo, tocando seu violãozinho de brinquedo.

LIVROS DE MÁRIO SOUTO MAIOR

- 01 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
- 02 - ROTEIRO DE BOM JARDIM. Recife, 1954. (Com Moacyr Souto Maior)
- 03 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo : Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife : 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza : Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo : BF-Vídeo Produções, 1997.
- 04 - O CICLO. Recife, 1970.
- 05 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
- 06 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 07 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
- 08 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1985.
- 09 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1996.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977), Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.

- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições). Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed). Rio de Janeiro: Record, 1988/1998, 173p.
- 14 - FOLCLORE ROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata, 1980, 1981.
- 15 - GALALAU E BATORÉS. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmios Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortázar, 1989. Fondo Nacional de las Artes. Ministerio de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana, 1988. (Com Waldemar Valente)
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. (Com Waldemar Valente)
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
- 29 - O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 30 - O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993.
- 31 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 32 - TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore Infantil). Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1993.
- 33 - RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.
- 34 - GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.

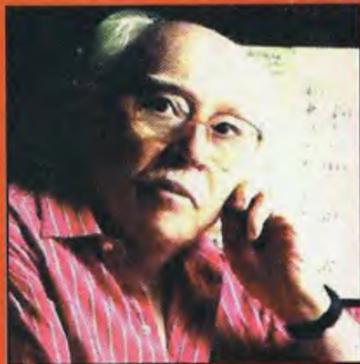
- 35 - A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 36 - A MULHER QUE ENGANOU O DIABO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 38 - O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 40 - FOLCLORE ETC & TAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
- 42 - FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.
- 43 - ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
- 44 - PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1998.
- 45 - CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 46 - PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 47 - DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
- 48 - A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999
- 49 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- 50 - UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: FGF/Elógica Edições, 1999.
- 51 - UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA. Recife: FGF/BCP Edições, 1999.
- 52 - UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 53 - A MENINA E O PAPAGAIO (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000
- 54 - UM MENINO CHAMADO CAPIBA. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.

A SAIR:

O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)
 QUAL É A SUA GRAÇA?
 ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE II (com Waldemar Valente)
 DICIONÁRIO DE FOLCLORE PARA ESTUDANTES (com Rúbia Lóssio)
 UM SÉCULO DE PESQUISA EM CORDEL (com Joseph M. Luyten)
 DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO DE FOLCLORISTAS PERNAMBUCANOS (com Roberto Benjamim)
 JOÃO MARTINS DE ATHAYDE: UM POETA DO POVO
 UM MENINO CHAMADO MONTEIRO LOBATO
 UM MENINO CHAMADO JORGE AMADO
 UMA MENINA CHAMADA MAGDALENA FREYRE



A BCP Telecomunicações acredita
que o apoio a ações voltadas à
educação trará o efetivo
desenvolvimento da sociedade



APOIO CULTURAL

BCP

Telecomunicações

www.bcp.com.br

REALIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
GILBERTO
FREYRE

www.fgf.org.br

LOURENÇO DA FONSECA BARBOSA - **CAPIBA**, filho de Severino Atanázio de Souza Barbosa e de dona Digna da Fonseca Barbosa, nasceu no dia 28 de outubro de 1904, na vila de Surubim, do Município de Bom Jardim, Pernambuco. Seu pai era mestre de uma banda de música e todos seus filhos, menos os que morreram pequenininhos, também eram músicos, tocando nas bandas de música de seu pai em Bezerros, Carpina, Gravatá, Nazaré da Mata, Orobó, João Alfredo. Foi, um dia, chamado para mestrar a banda de música de Taperoá e Campina Grande, na Paraíba. E lá se foi com a família toda morar na Paraíba. Capiba, com dez anos de idade, tocava trompa na Banda Lira da Borborema. Outra paixão de sua vida era o futebol, chegando a jogar no América Futebol Clube, de João Pessoa. Da Paraíba, Capiba passou a residir no Recife, fez concurso para o Banco do Brasil, o de trabalhou mais de trinta anos. Casou com Maria José da Silva - Zezita, que foi o grande amor de sua vida. Juntou-se com estudantes universitários e fundou a Jazz Band Acadêmica, que fez muito sucesso nos bailes onde tocava. Capiba escreveu muitas valsas e muitas marchas de carnaval, como **É DE AMARGAR, QUEM VAI PRÔ FAROL É O BONDE DE OLINDA, LINDA FLOR DA MADRUGADA**. Não se pode falar em carnaval sem falar no nome de Capiba, também autor de **MARIA BETÂNIA, OLINDA-CIDADE ETERNA e RECIFE - CIDADE LENDÁRIA**. Assim viveu Capiba, trabalhando no BB, tocando seu piano, compondo suas músicas, pintando seus quadros, até o dia 31 de dezembro de 1998, quando faleceu.

GILBERTO FREYRE



100 ANOS
1900
2000